



## EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,  
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Vivemos envoltos num emaranhado de realidades, ideias, conceitos e demais ofertas, tantas vezes, algumas, ou muitas delas, vendidas por uma publicidade bem orquestrada, isco para fácil captura, que, em muitos casos, ou quase sempre, se torna tarefa verdadeiramente difícil saber discernir o principal do secundário, o prioritário do acessório.

Influencia-nos sobremaneira o espírito e o desejo do possuir, do ter por ter, da fama e do prestígio, daquilo que gera e traz mais prazer, comodismo e, quanto menos compromisso implicar e envolver melhor será. E tudo se vai tornando efêmero, passageiro, sol de pouca dura! E tudo dura enquanto durar o benefício e o prazer: que não haja rotinas rotineiras nem algo que se pareça com exigências.

Fazer escolhas que comportem em si riscos e uma boa dose de aventura, que nos comprometam e comprometam o nosso tudo e o nosso todo vai se tornando cada vez mais, em nós e entre nós, verdadeiras “frutas do Brasil”.

Frente à necessidade de escolher, decidir e optar, pesa-se muito, e bem, cada uma das partes tendo sempre no horizonte aquilo que nos pode ser mais rentável e útil e se a escolha implica ter de deixar algo mais complicado, torna-se a escolha. Agarramo-nos demasiado ao já possuído, às nossas certezas e seguranças e só a muito custo, ou então a novidade é verdadeiramente aliciante, somos capazes de abandonar ou “vender” tudo o que até então possuímos e detemos para agarrar-nos à descoberta.

Outros são os valores, critérios e prioridades a que actualmente nos ancoramos e, não poucas vezes, nos acorrentamos. Uns dirão que são sinais dos tempos, modernidade e progresso; outros dirão que são novas formas de ser e de estar e, apesar de tudo, assistimos, mais vezes que o desejado, a um caminhar sem razão ou motivação, um trilhar de percursos sem saída que em nada dignificam uma humanidade que se quer de pessoas que são gente feliz, realizada e realizadora: falta-nos uma boa dose daquela Sabedoria que o grande Salomão pediu ao Deus de Israel. Uma sabedoria que faça distinguir o bem do mal, a verdade da mentira e nos capacite para escolhas autênticas, humanizantes e humanizáveis. Hoje quer-se sabedoria, sim, mas daquela que se traduza em diplomas, empregos, títulos e cargos e, conseqüentemente, seja factor de um bom e chorudo recibo de ordenado.

Há tesouros que estão escondidos em campos pouco cavados, tesouros profundos que não se vêem a olho nu, que exigem procura, determinação e ousadia, tesouros que, uma vez encontrados, são capazes de nos fazerem prescindir dos nossos campos já tão cavados mas que pouco ou nada já produzem, tesouros que nos fazem vender “chãos que já deram uvas”. Pérolas há que, de tão preciosas, nos fazem dispensar todas as nossas de pouco valor, ou mesmo de “fantasia”.

Mas há que procurar, cavar, buscar até encontrar. Estaremos dispostos a isso ou preferimos que sejam outros a encontrar estas “raridades”?

Somos desafiados a outros campos, outras pérolas, outras lógicas e prioridades. É certo que poderão não nos encher a barriga ou carteiras mas “nem só de pão vive o homem”!

A Sabedoria da Palavra é pão para a boca da alma e da vida, campo que dá fruto abundante e pérola sem concorrência.

Há campos pequenos que dão grandes colheitas e grandes campos que são inférteis! Há pérolas que reluzem, mas não brilham! E só “quem não arrisca não petisca”!

# afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

## PALAVRA COM VIDA

### XVII DOMINGO DO TEMPO COMUM

#### Ano A

##### 1ª Leitura

**1 Reis 3,5.7-12**

«Pediste a sabedoria»

##### 2ª Leitura

**Romanos 8, 28-30**

«Predestinou-nos para sermos conformes à imagem do seu Filho»

##### Evangelho

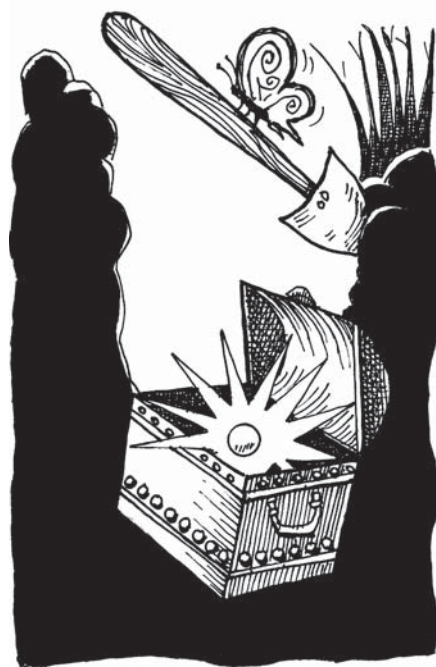
**São Mateus 13, 44-52**

«Vendeu tudo quanto possuía para comprar aquele campo»

A Palavra de Deus deste Domingo convida-nos a reflectir nas nossas prioridades, nos valores sobre os quais fundamentamos a nossa existência. Ela sugere-nos, especialmente, que o cristão deve construir a sua vida sobre os valores propostos por Jesus.

A primeira leitura apresenta-nos o exemplo de Salomão, rei de Israel. Ele é o protótipo do homem “sábio”, que consegue perceber e escolher o que é importante e que não se deixa seduzir e alienar por valores efêmeros.

No Evangelho, recorrendo à linguagem das parábolas, Jesus recomenda aos seus seguidores que façam do Reino de Deus a sua prioridade



fundamental. Todos os outros valores e interesses devem passar para segundo plano, face a esse “tesouro” supremo que é o Reino. O cristão vive no meio do mundo e é todos os dias desafiado pelos esquemas e valores do mundo; mas não pode deixar que a procura dos bens seja o objectivo número um da sua vida, pois o Reino é partilha. O

cristão está permanentemente mergulhado num ambiente em que a força e o poder aparecem como o grande ideal; mas ele não pode deixar que o poder seja o seu objectivo fundamental, porque o Reino é serviço. O cristão é todos os dias convencido de que o êxito profissional, a fama a qualquer preço são condições essenciais para triunfar e para deixar a sua marca na história; mas ele não pode deixar-se seduzir por esses esquemas, pois a realidade do Reino vive-se na humildade e na simplicidade. O cristão faz a sua caminhada num mundo que exalta o orgulho, a auto-suficiência, a independência; mas ele já aprendeu, com Jesus, que o Reino é perdão, tolerância, encontro, fraternidade. Mais uma vez o Evangelho convida-nos a admirar e a absorver os métodos de Deus, que não tem pressa nenhuma em condenar e destruir, mas dá tempo ao homem - todo o tempo do mundo - para amadurecer as suas opções e fazer as suas opções

A segunda leitura convida-nos a seguir o caminho e a proposta de Jesus. Esse é o valor mais alto, que deve sobrepor-se a todos os outros valores e propostas.

## SABIAS QUE...



... a Unção dos Enfermos ou doentes é um dos sete sacramentos da Igreja?

Para um cristão, a doença e a morte podem e devem ser meios para se santificar e redimir com Cristo, contribuindo, para este fim, a Unção dos Enfermos enquanto sacramento instituído por Cristo insinuado como tal no Evangelho de São Marcos (cf. Mc 6,13).

No Ritual da Unção dos Enfermos, o sentido da doença do homem, dos seus sofrimentos e da morte compreendem-se à luz do desígnio salvador de Deus, mais concretamente, à luz do carácter redentor da dor assumida por Cristo no mistério da sua Paixão, Morte e Ressurreição.

A Unção dos Enfermos é, pois, um sacramento que ajuda a viver as realidades dolorosas da vida humana com sentido cristão. Relativamente ao seu ritual, a matéria apta do sacramento é o azeite, devendo este ser abençoado pelo bispo ou presbítero com esta faculdade. Este sacramento é ministrado, unicamente, por um sacerdote que, ungindo o doente na fronte e nas mãos, recita a seguinte fórmula sacramental traduzida do latim: “Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos. Amém.”

Quanto ao sujeito deste sacramento, poderá ser qualquer pessoa baptizada que, tendo alcançado o uso da razão, se encontre em perigo de vida face a uma doença grave ou por velhice, acompanhada de avançada debilidade, sendo que, preferencialmente, o doente deverá demonstrar a vontade habitual ou implícita de receber este sacramento.

A Unção dos Enfermos assume-se, deste modo, como um sacramento que fortalece a nossa união mais íntima com Cristo na sua Paixão redentora, que nos faculta o consolo, a paz e o ânimo para vencer as dificuldades e os sofrimentos próprios da doença ou velhice, que nos pode, se for a vontade de Deus, promover a cura, e que nos prepara, reforçando a nossa confiança em Deus, para a passagem para a verdadeira vida junto do Pai.

## POR CÁ

### Formação contínua para padres recém-ordenados



No passado dia 15 de Julho, o Bispo de Angra, D. João Lavrador, promulgou um decreto episcopal através do qual institui a obrigatoriedade de formação contínua dos padres nos dois anos subsequentes à sua ordenação, obrigatoriedade formativa que arranca já no próximo ano lectivo.

Esta formação contínua estará a cargo do Seminário Episcopal de Angra que passa a organizar uma semana de formação académica, por trimestre lectivo, que incluirá um aprofundamento teológico, eclesiológico, litúrgico e pastoral, bem como acompanhamento espiritual, dirigido aos sacerdotes recém ordenados. “Atendendo às disposições que a Nova Ratio Fundamentalis apresenta para o acompanhamento dos presbíteros recém ordenados” e às “incessantes interpelações” dos documentos do Magistério da Igreja sobre as responsabilidades dos seminários no acompanhamentos dos neo-sacerdotes,

nos primeiros anos do seu “múnus pastoral”, justifica D. João Lavrador, “ficam obrigados a esta formação permanente os presbíteros ordenados nos dois primeiros anos a contar da data da sua ordenação”.

Esta formação, que decorrerá durante uma semana, de segunda a sexta-feira, visa acompanhar os neo-sacerdotes de uma forma mais próxima e prepará-los melhor para a transição entre o Seminário e a vida pastoral paroquial.

“Atendendo à realidade dos tempos de hoje, no domínio da cultura, da sociedade e da antropologia, a requerer uma formação permanente para bem se auscultar os Sinais dos Tempos”, o bispo quer preparar os sacerdotes para “uma eficaz evangelização do mundo de hoje” e chama para essa tarefa o Seminário Episcopal.

Durante muitos anos este acompanhamento era uma tarefa do Vigário Episcopal para o Clero.

## POR LÁ

### Igreja lança guia para paróquias «missionárias»

A Congregação para o Clero (Santa Sé) publicou uma Instrução intitulada “A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja”, propondo paróquias centradas na sua acção missionária.

O texto leva em consideração a tradicional ligação das paróquias a um território específico, sublinhando que em muitos lugares as mesmas têm hoje “contextos sociais e culturais profundamente mudados”.

A Instrução agora publicada defende que a paróquia seja um “lugar” que favorece “o estar juntos e o crescimento das relações pessoais duradouras”, desenvolvendo a “arte da proximidade”. As comunidades paroquiais, “casas no meio das casas”, são desafiadas à “criatividade” para que se tornem “centro propulsor da evangelização”.

“A acção pastoral tem necessidade de ir além somente da delimitação territorial da paróquia, de fazer transparecer mais claramente a comunhão eclesial através da sinergia entre

ministérios e carismas diversos e, não menos, de estruturar-se como uma ‘pastoral orgânica’ a serviço da diocese e da sua missão”, indica o Vaticano.

O guia para as paróquias, em 124 pontos, aborda a pastoral das comunidades paroquiais e os vários ministérios clericais e leigos, procurando maior corresponsabilidade, sem deixar de destacar o papel central do pároco como “pastor adequado” da comunidade.

O organismo da Santa Sé toma em consideração vários projectos de reforma das comunidades paroquiais e reestruturação diocesana, que decorrem em vários países do mundo, incluindo Portugal, dedicando particular atenção à questão da “unidade e áreas pastorais”.

O documento agora publicado remete às indicações do Papa Francisco, na “perspectiva de uma Igreja em saída, capaz de ir ao encontro das almas que têm fome e sede de Deus, com o olhar voltado principalmente aos mais necessitados e aos pobres”.



## ENTRE NÓS...

# Ser Saúde



Sim, ser saúde. Porque quando ouvimos ou lemos “ser saudável” pensamos logo “pronto, lá estão outra vez com essa história de comer grelhados e cozidos, não comer açúcares e fazer exercício físico. Que seca”. Mas a verdade é que isso de ser saudável é muito mais que alimentação e exercício físico. Bem sabemos que quando somos aconselhados a ter “atitudes saudáveis” o objectivo é o nosso bem: o prolongamento da nossa vida sem co-morbilidades cardiovasculares, a capacidade de ultrapassar mais facilmente certas doenças das quais não podemos fugir (Niels T *et al* (2018) mostraram que doentes com neoplasia do pâncreas que faziam exercício físico tinham maior esperança de vida do que doentes, na mesma situação, sedentários). Outro exemplo, mais simples, é ser saudável em tempo de pandemia: lavar as mãos, usar máscara, evitar contacto físico.

Então e o ser saudável enquanto todo? Enquanto eu? O que se vê, muitas vezes, são pessoas saudáveis de corpo e doentes de mente. Pessoas que só comem saudável e praticam exercício, mas que só criticam o outro ou a si mes-

mos, que são insatisfeitos por natureza e que não vêm a beleza à sua volta. Há muitos jovens saudáveis de corpo, mas que lutam diariamente com as suas inseguranças, com a aceitação familiar, com o seu papel na sociedade. Que se sentem perdidos enquanto indivíduo.

O acesso à informação nunca foi tão vasto como no dia de hoje. E isto acarreta alguns desafios e problemas. A pressão para a aceitação social nunca foi tão grande, o julgamento público e gratuito nunca foi tão fácil e a insatisfação generalizada nunca foi tão vasta.

As escolhas que fazemos todos os dias para sermos saudáveis são muito influenciadas por essa avalanche de informação. E o que preocupa é que a avalanche de informação facilmente acessível nem sempre é fidedigna. Há uma fácil propagação das opiniões extremistas (gordura faz mal, *crossfit* é que é bom) e pouca atenção aos trabalhos científicos das escolas de renome mundial. É mais fácil ouvir as dicas da “Pugliesi” que do médico de família. Consequentemente, é fácil entrar na espiral de insatisfação, de descontentamento e de extremismo. Assiste-se a

isso pelo número cada vez crescente de distúrbios alimentares (a anorexia nervosa é a terceira doença mais comum em adolescentes, depois da asma e da obesidade).

Para nos protegermos da informação desenfreada que muitas vezes nos “desenfria” é preciso ter um “eu” saudável. É preciso encontrar-me, ver como sou, o que funciona para mim, na minha situação actual. É importante ter o meu sistema de valores bem estabelecido e esclarecido. Caso contrário não aguentamos o embate dos gurus da saúde, pondo a nossa própria saúde em xeque.

Por isso, ser saúde e dar saúde. Ouvir informação com curiosidade e sentido de crítica. Procurar fontes de informações fiáveis. Esclarecer e desfazer mitos propagados. Assentar todo este conhecimento teórico no nosso dia-a-dia, complementando com atitudes de resiliência, aceitação e amor próprio. Só quando me amo e me conheço posso procurar o que é saudável para mim, num determinado momento da minha vida.

Por Carolina Chálim Rebelo